

O impacto da reforma

A reforma explodiu no séc. XV e progrediu em grande parte devido as condições político-sociais que naquele exato momento eram ideais para que os anseios de reforma pudessem finalmente se concretizar.¹ Veremos a seguir como o protestantismo foi impactando a Europa do séc. XVI, avançando em diversas regiões e enfrentando os dilemas próprios de um tempo em convulsão, uma época marcada por intolerância e guerras entre cristãos católicos e protestantes.

Nos Países Baixos (atualmente Holanda, Bélgica e Luxemburgo) havia uma série de condições favoráveis a reforma protestante pois anos antes havia surgido um movimento chamado “Irmãos da Vida Comum” que enfatizavam a leitura das Escrituras nos idiomas da região e também havia um movimento em torno de Erasmo de Roterdam. Portanto, havia uma série de ideais reformadores circulando pela região quando a reforma estourou e quando os luteranos chegaram a região logo houve uma onda de convertidos a fé protestante. Também houveram conversões a versão mais radical do protestantismo, os anabatistas, que começaram a ser perseguidos dentro dos Países Baixos como em outras regiões. Também chegaram a região pregadores de influência calvinista vindos da França e de Genebra. Com o tempo, seria a fé calvinista que se tornaria a confissão dominante nesta região.

Os Países Baixos estavam sob domínio de Carlos V, rei da Alemanha. Carlos V perseguiu os protestantes nessa região, em especial os anabatistas. Contudo, em 1555 Carlos V abdicou do governo da região em favor de seu filho Filipe. Filipe não soube unificar a região como seu pai e o resultado foi que ao tentar impor uma dura perseguição aos protestantes vários chefes e magistrados se rebelaram contra sua autoridade, o que acabou desatando uma guerra civil. De um lado Filipe procurava massacrar o protestantismo e de outro Guilherme de Orange que lutava a um só tempo pelo protestantismo e pela independência da região. Foi apenas em 1607 que deu-se a independência da região, que veio a ser calvinista.

Na Escócia, ao norte da Inglaterra, as ideias dos lollardos e dos hussitas haviam preparado o solo para a chegada do protestantismo quando pregadores luteranos e escoceses que tinham ido estudar na Alemanha começaram a espalhar os ideais da reforma. O parlamento escocês estabeleceu uma política dura contra o protestantismo e em 1528 aconteceu o primeiro martírio. Um famoso pregador reformado, Jorge Wishart, foi morto após um processo de inquisição conduzido pelo Cardeal David Beaton, que em seguida foi assassinado por protestantes. O clima estava acirrado e o protestantismo avançava cada vez mais quando morre Jaime V, em 1542, suscitando uma disputa pelo trono escocês. Neste cenário turbulento e confuso surge a figura de John Knox (1505-1572). Knox fora ordenado sacerdote em 1540 e aspirava ir a Alemanha para dedicar-se ao estudo da teologia mas acabou se tornando o porta voz do movimento reformado na Escócia. Alguns anos mais tarde Knox teria se exilado e visitado os grandes reformadores suíços: Calvino em Genebra e Bullinger em Zurique. Ao retornar do exílio, Knox se tornou o principal pregador do movimento reformado que era duramente perseguido pela coroa. Knox organizou a igreja escocesa e torno de conselhos compostos por ministros e presbíteros e calcado sobre os documentos que mais tarde seria o rosto do presbiterianismo: “Livro da Disciplina”, “Livro de ordem comum” e a “Confissão escocesa”. O modo de governo presbiteriano preconizado por Knox tornou-se um dos modelos de governança mais difundidos no mundo reformado.

A reforma na Escandinávia avançou também sob duras penas, envolvendo confrontos entre pretendentes ao trono escandinavo e brigas políticas. A fé protestante chegou por meio de pregadores luteranos e logo se estabeleceu um conflito com os clérigos católicos que possuíam terras. Cristiano II, um rei perverso, fora derrotado por Frederico I que era luterano e concedeu liberdade de culto para protestantes e católicos. Contudo a região viria a se tornar predominantemente luterana.

Na França a hesitação de Francisco I, rei quando a reforma eclodiu, deu espaço para o avanço protestante. Seu filho Henrique II perseguiu os protestantes – conhecidos na França como huguenotes – e ainda assim em 1555 foi organizada uma igreja nos moldes de Calvino e quatro anos depois havia um sínodo nacional e várias igrejas pelo país. As hostilidades entre católicos, liderados pelos de Guise, e protestantes, liderados pelo almirante Gaspar de Coligny, levaram o país a guerra civil entre 1567 a 1570. A paz estabelecida em 70 era aparentemente o resultado final de uma série de eventos, mas os de Guise não se deram por vencidos: realizaram um atentado com Coligny e quando foram incriminados e expulsos da corte do rei conseguiram convencer Catarina de Médici de que havia um complô huguenote para tomar o trono. Catarina convenceu seu filho, o rei Carlos IX e o que veio em seguida tornou-se uma das páginas mais tristes do cristianismo: na noite de São Bartolomeu, 24 de agosto de 1571, forças militares com ordens do rei e sob comando dos de Guise invadiram as casas de todos os protestantes em Paris e mais de duas mil pessoas foram mortas. Coligny foi ferido e jogado vivo da janela de seu quarto. A onda se espalhou por toda a França e dezenas de milhares de huguenotes foram

¹ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.91-126

mortos. Este fato causou grande comoção em toda a Europa. Quando a notícia chegou a Roma o papa Gregório XII, ao perceber que o protestantismo francês tinha sofrido um duríssimo golpe, ordenou que se cantasse um hino de louvor a Deus, o “Te Deum”, em celebração ao ocorrido. O ódio, as rivalidades políticas e interesses de poder e brigas de território revestidos de conflitos religiosos mostravam seu rosto mais perverso, manchando para sempre a história da reforma.

O Reformador de Genebra

Alguns reformadores tiveram o duro papel de abrir caminho para a fé protestante, como Lutero e Zúínglio. Todavia, coube a outros o papel de sistematizar o pensamento protestante e dentre estes o mais singular certamente foi João Calvino (1509-1564).² Calvino nasceu em Noyon filho de uma família de classe média. Em sua juventude Calvino foi estudar em Paris e ali teve contato com o humanismo e com as ideias de Wycliffe, Huss e Lutero. Contudo, neste período Calvino ainda permanecia fiel a fé católica, completando seus estudos em 1529, quando obteve o grau de Mestre em Artes e decidiu dedicar-se a jurisprudência. Mais tarde Calvino uniu-se a um grupo de estudiosos da obra de Erasmo de Roterdã e foi licenciado para praticar a advocacia em 1530. Contudo, a obscura conversão de Calvino viria a ser um ponto de guinada fundamental na vida do Reformador.

Até hoje as condições sob as quais Calvino abraçou a reforma são desconhecidas e embora os historiadores pareçam inclinados a crer que seria sua convivência com o grupo de estudos humanista que o levou a rejeitar o catolicismo, o fato é que não há registro sequer da data em que Calvino teria se tornado protestante. Em 1534 Calvino se apresentou em Noyon renunciando aos benefícios eclesiásticos dos quais sua família desfrutava e quando em outubro do mesmo ano a coroa da França começou a instituir políticas contra os protestantes, Calvino exilou-se na cidade protestante de Basileia.

João Calvino sentia-se atraído ao estudo e a produção literária e seu principal projeto seria fazer um resumo da fé cristã do ponto de vista protestante, visto que no forno das disputas com os teólogos católicos não havia tempo dos protestantes elaborarem as doutrinas cristãs mais tradicionais por meio de um viés reformado. Foi assim que surgiu a primeira versão das Institutas em Basileia, no ano de 1536. A primeira versão era um livro de 6 capítulos e 516 páginas, sendo que a última versão sairia das mãos de Calvino em 1560 desta vez contando com 80 capítulos em quatro livros. As Institutas certamente são a maior obra sistematizadora do séc. XVI e está no Canon das obras cristãs de todos os tempos.

Calvino não se via como pastor ou líder, mas como estudioso chamado para servir a igreja dessa forma. Todavia, após breve visita a França o reformador decidiu ir para Estrasburgo, lugar que havia se tornado um centro do pensamento reformado na época. Contudo, havia uma guerra que impedia uma rota mais direta e por isso Calvino teve de fazer um desvio por Genebra. A cidade de Berna havia enviado missionários protestantes a Genebra e como resultado o governo da cidade abraçou a reforma. Todavia, o clima na cidade era confuso e quando Guilherme de Farel, líder dos missionários de Berna, soube que o autor das Institutas estava na cidade, foi ao seu encontro.

Farel instou com Calvino o quanto pôde e diante da insistente recusa do reformador, Farel disparou as célebres palavras, esbravejando com o dedo em riste: “Deus amaldiçoe teu descanso e a tranquilidade que buscas para estudar, se diante de uma necessidade tão grande te retiras e te negas a prestar socorro e ajuda”. Calvino mais tarde diria que aquelas palavras o quebrantaram e então decidiu ficar em Genebra.

Com seu conhecimento em direito, Calvino logo se tornou a figura central da reforma genebrina, mas logo o zelo de Calvino começou a incomodar parte da burguesia da cidade. Em 1538 houve uma discussão na cidade na qual Calvino insistiu na excomunhão dos pecadores impenitentes. O conselho da cidade o desterrou e Farel de bom grado o seguiu. Neste momento, Calvino empreendeu a viagem a Estrasburgo que pretendia desde o princípio, mas ao contrário do sossego que esperava foi envolvido na reforma daquela cidade por Martin Bucer. Calvino cuidou dos exilados franceses, produzindo uma liturgia em francês bem como a tradução de salmos e hinos. Ali Calvino casou-se com a viúva Idelette de Bure, com quem manteve um feliz matrimônio até que ela falecesse em 1549.

Calvino permaneceu em Estrasburgo três anos, até que mudanças no governo de Genebra levaram o conselho a requisitar a presença do reformador, que retornou a cidade em 1541. Neste momento Calvino redigiu “Ordenanças Eclesiásticas”, documento que estabelecia que o governo da igreja ficaria sob o Consistório, que era formado pelos pastores e 12 líderes leigos, os “anciãos”. Nos doze anos seguintes houve conflitos entre o Consistório e o Conselho da cidade.

Em 1553 Calvino se envolveu na condenação de Miguel Serveto, médico espanhol autor de várias obras de teologia. Serveto trocou correspondências com Calvino atacando a Doutrina da Trindade e por isso era perseguido como herege por católicos e protestantes. Serveto teria sido preso ao tentar ouvir um sermão de Calvino e seguindo o hábito usual da época, Calvino em pessoa produziu as acusações contra Serveto, que foi condenado a decapitação.

Calvino ainda veria em vida a realização de um grande sonho: a fundação da Academia de Genebra por Teodoro de Beza em 1559. Beza viria a ser o sucessor de Calvino na reforma de Genebra, quando este faleceu em 1564.

² GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.64-69